

O ESTUDO DE NARRATIVAS TRADICIONAIS ARMÊNIAS NO ENSINO MÉDIO

Dayse Oliveira Barbosa¹

Introdução

Devido ao centenário do genocídio armênio em abril do ano passado, foi desenvolvida, no transcorrer do primeiro bimestre letivo, com alunos do primeiro ano do ensino médio da rede estadual de São Paulo, uma sequência didática que privilegiou a análise linguística e literária de três narrativas tradicionais armênicas. São elas: Lenda de Hayk, Lenda de Aram, Lenda de Ara e Semiramis.

É importante mencionar que as três histórias analisadas neste trabalho são provenientes dos Cantos de Goghten. Os Cantos de Goghten são poemas orais, originários da província de Siunik, região de Shirak, próximo da atual Yerevan. Esses cantos foram compostos por trovadores anônimos, e circularam durante séculos, sendo transmitidos de geração em geração, sem registro escrito. Por isso, é muito difícil precisar a época de elaboração desses cantos.

Como não há registros originais dos Cantos de Goghten, a versão utilizada neste trabalho é oriunda dos registros realizados por Moisés Khorenatsi (2012), considerado pai da historiografia armênia.

Tendo em vista o *Currículo do Estado de São Paulo* (2010), a sequência didática elaborada para contemplar o estudo das lendas armênicas focou o desenvolvimento das habilidades de reconhecimento dos elementos básicos da narrativa literária e construção de sentido pela comparação entre textos, a partir de diferentes relações intertextuais.

Dessa forma, por meio da análise das três narrativas armênicas, procurou-se conduzir os estudantes à compreensão de como os elementos textuais articulam-se para ressaltar o perfil heroico dos protagonistas das lendas abordadas e a importância desses heróis para a literatura armênia.

A seguir serão apresentadas as sínteses das lendas de Hayk, de Aram, de Ara e Semiramis. Posteriormente, serão explicitadas as linhas gerais da sequência didática desenvolvida a partir dessas lendas.

Hayk – o herói fundador da nação armênia:

A lenda de Hayk narra, fundamentalmente, a constituição do povo armênio. Não há registros históricos da existência de Hayk, contudo, a lenda de Hayk é basilar para a constituição da cultura armênia.

O conflito inicial é instaurado quando Bel tenta submeter o povoado de Hayk – cerca de trezentas pessoas estabelecidas na terra de Ararad – ao seu domínio. Hayk não aceita que ele próprio e seu povo sirvam à tirania de Bel. Com isso, instaura-se a tensão que desencadeará o combate central da narrativa.

A nobreza de caráter de Hayk será consolidada quando, na cena do combate, ele defronta-se com Bel muito bem armado para o combate e escoltado por seus melhores soldados.

Hayk, nesse momento, assume seu primeiro grande desafio, ele coloca-se diante de sua tropa, escoltado por seus filhos e pelo neto, Cadmos. Assim, Hayk demonstra sua soberania, porque ele não apenas expõe a si mesmo, mas também aos próprios descendentes na linha de frente do combate e, de acordo com o narrador, após o herói alinhar as tropas atrás de si formando um triângulo, avançou calmamente.

¹ E-mail: oliveirab2010@gmail.com.

Essa atitude de Hayk de posicionar-se na linha de frente de seu exército acentua os traços de honra e caráter do herói, e ao avançar calmamente para um visível combate com um inimigo tirano muito bem armado, Hayk evidencia sua astúcia e inteligência.

O assassinato de Bel é o clímax da narrativa. Esse assassinato é determinante para caracterizar o heroísmo de Hayk. Bel é uma ameaça para toda uma coletividade, pois ele é um tirano. Assim, a sua morte é essencial para que o equilíbrio inicial da narrativa seja restabelecido e o povoado de Hayk volte a ter paz.

O exército de Bel fugiu diante da valentia de Hayk. O herói determinou que o corpo de Bel fosse enterrado na presença das mulheres e filhos do seu inimigo e na região da batalha fundou o vilarejo que recebeu o nome de Hayk.

Essa lenda evidencia não só como Hayk tornou-se o herói fundador do povo armênio, mas também porque esse herói é o protótipo da astúcia e da coragem do povo armênio para defender suas terras e, principalmente, como o imaginário armênio está essencialmente ligado aos primórdios da Humanidade.

Aram – o primeiro rei do Reino de Urartu

Aram é considerado o primeiro rei do Reino de Urartu. De acordo com dados históricos, o Reino de Urartu existiu entre os séculos IX e VI a. C., sendo que o mandato de Aram deu-se entre os anos 880 e 844 a. C.

Tradicionalmente, acredita-se que o povo armênio formou-se a partir da queda do Reino de Urartu. Por isso, a lenda de Aram integra o conjunto de narrativas que constituem a formação do povo armênio.

A narrativa de Aram é marcada por confrontos contra os líderes de povos vizinhos que ameaçavam as fronteiras do reino armênio. Logo, a lenda de Aram, assim como a lenda de Hayk, faz referência direta ao espaço territorial ocupado pelo povo armênio nos primórdios da constituição populacional da Humanidade.

A lenda de Aram narra uma sequência de batalhas desse herói armênio contra Niwkar Madés – líder dos medos –, Barsham – reinava em regiões da Assíria – e Payapis Kaaghiai – dominador que se apossou das regiões entre os mares Pontus e Oceano. Essa sequência de batalhas que constitui a narrativa de Aram constrói um ambiente extremamente beligerante em torno do herói e, com isso, demonstra que a formação do povo armênio está relacionada à audácia, coragem e inteligência de Aram, que lutou destemidamente pela expansão dos domínios de seu reino.

Outro ponto importante de contato entre Aram e Hayk é a postura dos rivais em relação a eles. Na lenda de Aram, há um trecho que narra os planos de vingança de Ninos (rei de Níneve, descendente de Bel). Ninos desejava exterminar os descendentes de Hayk em resposta ao assassinato de Bel, morto pelas mãos de Hayk. Contudo, Ninos teme o enfrentamento com Aram. Por isso, o descendente de Bel ordena que o herói armênio dirija um de seus principados, além de conceder-lhe o direito de usar um diadema de pérolas e de ser chamado de segundo, depois apenas de Ninos.

Esse fato demonstra que Aram mantém a linhagem astuciosa de Hayk, ao passo em que Ninos preserva a covardia de seu ancestral. Para não guerrear diretamente com Aram e, provavelmente, ser destruído por ele, Ninos prefere fazer concessões, ou seja, indiretamente o descendente de Bel subjuga-se ao herói armênio por medo de perder o seu mandato (e talvez a própria vida) para Aram.

A lenda de Aram culmina com a vitória dele contra seus poderosos inimigos. Como recompensa pela consagração sobre os inimigos, o herói armênio ordenou que toda a população

sob seu poderio aprendesse a língua e a fala armênia, além de povoar as províncias denominadas Segunda, Terceira e Quarta Armênia.

Da mesma forma que as batalhas, as conquistas de Aram também são coletivas. A instituição da língua e da fala armênia bem como a expansão dos domínios armênios remetem diretamente à luta do povo armênio para instaurar a sua autonomia desde a Antiguidade.

Ara, o belo, e Semiramis, a rainha luxuriosa

Essa lenda narra a paixão da rainha assíria Semiramis por Ara, o belo, filho de Aram, portanto, líder do povo armênio.

Há indícios históricos de que Ara e Aram foram a mesma pessoa, no entanto, Khorenatsi (2012) os trata como personalidades distintas, dessa forma, cada um tem uma história própria. Em relação à rainha Semiramis, os dados históricos apontam que ela governou a Assíria por volta do século IX a. C.

De acordo com a lenda, Semiramis apaixonou-se perdidamente por Ara, o belo soberano armênio. No entanto, ela ainda era casada com Ninos. Por isso, manteve sigilo sobre seu sentimento. Mas, após a morte do marido, Semiramis tudo fez para seduzir Ara, oferecendo-lhe presentes e promessas de poder.

Como Ara recusou todas as ofertas de Semiramis, ela ordenou ao exército assírio que invadisse o planalto de Ara, chamado de Ayrarat. A ordem da rainha assíria era para que suas tropas capturassem Ara e o mantivesse vivo. Contudo, Ara enfrentou as tropas de Semiramis até a morte.

Como o exército armênio estava disposto a vingar a morte de seu líder, Semiramis ocultou o corpo de Ara, dizendo aos armênios que a vida dele havia sido restituída após ela ter ordenado aos deuses que lambessem as feridas de Ara. Semiramis estava convicta de que, por meio de suas feitiçarias, faria o belo soberano armênio reviver. Mas, ela não alcançou seu intento. Então, lançou o corpo de Ara em um grande precipício, vestiu e adornou, em segredo, um de seus amantes para convencer o povo armênio de que Ara havia realmente retornado à vida e, simulando estar agradecendo aos deuses, ofereceu-lhes estátuas e grandes sacrifícios.

Seguindo a linhagem de heróis armênios, Ara não aceita ser subjugado. Ele não se deixa seduzir pelas ofertas ostensivas da rainha assíria e prefere a morte no campo de batalha para defender seu povo a unir-se com Semiramis por interesse. Essa imagem construída por Ara acentua o caráter íntegro dos heróis armênios.

O mais interessante na lenda de Ara e Semiramis é que o herói armênio morre no início da narrativa. A partir da morte dele, o narrador prossegue a história, contando o percurso da antagonista, Semiramis.

Como a rainha assíria é uma personalidade histórica, o narrador pontua algumas obras de infraestrutura importantes realizadas por Semiramis nas terras de Ayrarat, onde ela passava frequentemente os verões, devido à beleza e a serenidade do local.

Todavia, a rainha Semiramis era extremamente displicente na administração, sempre que ela partia para a Armênia nos meses de verão, deixava como prefeito e supervisor da Assíria e de Níneve o mago Zoroaster (patriarca dos medos), até que a rainha confiou ao mago o governo de todo o seu império.

Além disso, Semiramis acabou desperdiçando grande fortuna e tesouros com amantes. A perversidade dela chega ao ápice quando assassina os próprios filhos – apenas o caçula, Nínuas, consegue escapar – porque eles exigem que ela lhes entregue o poder e o tesouro do reino, uma vez que temiam a conduta extravagante da mãe.

Em razão de sua descompostura e falta de caráter, Semiramis teve um fim trágico. Devido à disputa de poder entre a rainha assíria e Zoroaster, eles entram em guerra um contra o outro. Fugindo

de Zoroaster, Semiramis parte para a Armênia. Lá, ela é assassinada por Nínuas, que desejava vingar a morte de seus irmãos. Assim, Nínuas tornou-se o soberano da Assíria e de Níneve.

Dessa forma, conclui-se a narrativa de Semiramis, a rainha assíria que provocou a morte de Ara, o belo, e por sua descompostura, foi assassinada pelo filho caçula.

Sequência didática

Inicialmente, realizou-se um breve retrospecto histórico-político-social da Armênia, que inseriu os alunos na atividade didática.

Em seguida, cada uma das lendas foi analisada em sala de aula, seguindo o roteiro proposto por Antunes (2010), no qual se parte dos aspectos globais do texto, para, posteriormente, abordar os aspectos da construção textual, finalizando com os aspectos da adequação vocabular. Dessa forma, partiu-se dos elementos mais genéricos para os mais particulares, evidenciando em cada etapa como a unidade textual é construída de acordo com o efeito de sentido pretendido pelo autor.

Por meio desse estudo mais aprofundado, foi possível que os alunos compreendessem como plano de expressão e plano do conteúdo interligam-se no texto literário para produzir a significação das lendas. Assim, ficou mais explícito para os estudantes que todos os elementos do enredo são entrelaçados para construir a verossimilhança da obra.

É importante enfatizar ainda que, após o estudo das três narrativas, foi feita uma retomada das principais características de cada uma delas, enfatizando as relações intertextuais existentes entre elas.

Para concluir a sequência didática, que durou aproximadamente três semanas (15 aulas), foram lidas e comentadas em sala de aula notícias do contexto histórico atual da Armênia, relacionando-o com o conteúdo geral das lendas e a questão do genocídio armênio.

Considerações finais

No estudo das três lendas – Lenda de Hayk, Lenda de Aram, Lenda de Ara e Semiramis – referentes à origem do povo armênio verificou-se que houve significativo interesse dos alunos no transcorrer das atividades.

Notou-se, a partir das análises desenvolvidas, que os estudantes compreenderam como os elementos linguísticos articulam-se para a produção de sentido do texto que, nesse caso, era a formação histórica do povo armênio.

Além disso, o estudo das lendas armênicas também possibilitou aos alunos do ensino médio ampliar o repertório cultural conhecendo alguns aspectos importantes da literatura armênia.

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos** – fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ARLEN, M. J. **Passagem para Ararat**. Tradução de Ana Teresa J. Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2001.

KEROUZIAN, Y. O. “Os documentos antigos da poesia armênia.” In: Separata da Revista **Língua e Literatura**, n. 7. São Paulo, FFLCH/USP, 1978.

KHORENATSI, M. **Historia dos Armênios**. Tradução de Deize Crispim Pereira. São Paulo: Humanitas, 2012.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. São Paulo: SEE, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2008.